

Em família



Considerada o núcleo central de uma sociedade, a estrutura familiar é um dos principais assuntos tratados pela Igreja, pelos veículos de imprensa, políticos, educadores e pensadores das mais diversas áreas. Na Igreja Católica, o Sínodo dos Bispos vai discutir, em outubro, a relação entre a Igreja e a família e a expectativa de

fiéis e da sociedade é grande quanto às decisões que serão tomadas. Na Arquidiocese de Mariana, o IV Congresso da Pastoral Familiar trata do tema com profundidade e, segundo o assessor da Pastoral, padre Luiz Carlos Ferreira, "a proposta é iluminar o debate e ampliar a escuta das famílias nas paróquias que com-

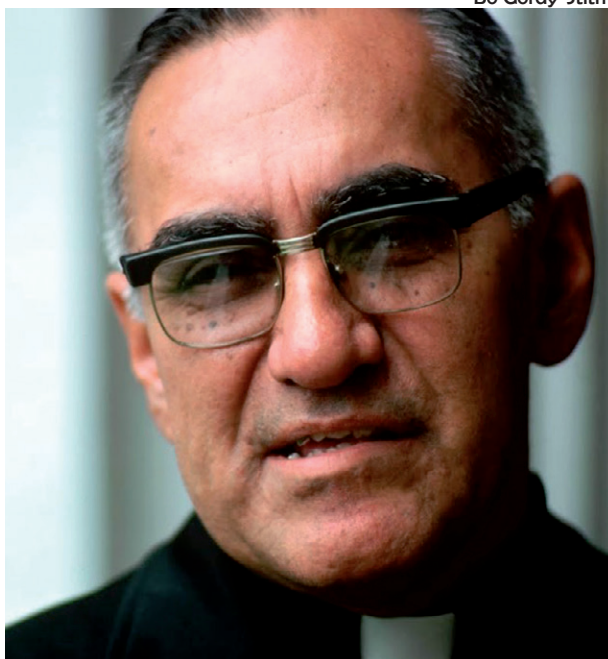
põem a arquidiocese". O Jornal Pastoral quer ajudar neste processo e traz, em sua matéria central, alguns pontos já tratados e outros que ainda não foram explorados sobre a convivência em família, sua importância e como o modelo cristão de família deve ser adotado com profundidade.

PÁGINAS 6 E 7

BEATO DOM OSCAR ROMERO

A multidão reunida em uma praça central de San Salvador para a missa de beatificação de Dom Oscar Romero foi estimada em, pelo menos, 300 mil, incluindo milhares de peregrinos vindos de fora do país. A multidão contou com aproximadamente 300 bispos de todo o mundo e nove chefes de Estado, todos da América Latina. Dom Romero foi beatificado como mártir, alguém que morreu dando testemunho da fé católica.

PÁGINA 8



Bo Gordy-Stith

MATRIMÔNIO

"O matrimônio é, sem dúvida, uma bela realidade teológica. É também uma realidade terrena. Enquanto contrato, podemos nos perguntar: quando é que um tal contrato é válido? Dada a singularidade deste contrato, nunca teremos condições de afirmar com certeza a sua validade. Podemos sim, dentro da fraqueza humana, recolher dados que nos levem a afirmar, com certeza moral, a nulidade deste contrato". Leia o artigo do monsenhor Roberto Natali.

PÁGINA 9

Que família se quer construir?

O Papa Francisco acerta no ponto quando chama o mundo, a partir da Igreja, a refletir o sentido da família no momento hodierno. De 4 a 25 de outubro deste ano, acontece o Sínodo que tem como lema “A missão e a vocação da família nos tempos atuais”. São muitos desafios: a fé desvinculada de valores, a fidelidade no matrimônio, o individualismo que domina o coração e o ser humano, o empobrecimento das relações, o stress, as dificuldades econômicas e situações similares. Acrescenta-se a preocupação de Francisco e da Igreja em relação às famílias sofridas e refugiadas pelo mundo afora. São milhões de seres humanos excluídos do convívio familiar, de um pai ou uma mãe que os proteja e cuide de sua sobrevivência. Constantemente, o Papa tem escrito e denunciado o sofrimento das famílias. E a violência à mulher, às crianças? O que dizer das drogas que matam e dividem a família entre o bem e o mal? Como enfrentar tudo isso? A família vai continuar existindo no futuro? São muitas indagações.

Assiste-se ao fetiche do dinheiro e de uma “economia sem rosto”, como se tem visto nas esferas da sociedade excludente que teima ser dominante sem contar com o outro; não se vê “o invisível”, ele não existe e nem pode existir numa economia de mercado e de falta de solidariedade e fraternidade. O mundo caminha, nesta linha, para uma autodestruição quando não reconhece o sagrado direito de viver de todos, não obstante a classe social-econômica e o credo religioso que se professa.

Pode-se também delinear os diversos tipos de família que se criam desde que as pessoas se interrelacionem. Na concepção pós-moderna o que vale é sentir-se bem na cultura do bem-estar. A mídia preconiza a liberalidade das relações e ajuntamentos conjugais ou não, desde que o indivíduo decida a arbitrariedade de seu querer.

A família tem vocação e missão, como pensam o sínodo e o Papa Francisco. A Igreja tem muito a contribuir com a reintegração familiar e seu sentido frente aos desafios que se apresentam à própria Igreja, mas também ao mundo e à pluralidade de pensamentos. Numa perspectiva de diálogo, de compreensão e de encontro é que se chegará às conclusões seguras e essenciais para auxiliar as famílias de hoje a superar o negativismo, a tentação aniquiladora do ser familiar e as visões altamente perniciosas à humanidade. Sofrem mais os infantes, os pequenos, desprotegidos das políticas públicas e das garantias do direito. Outrossim, se deve também avançar no acolhimento aos casais de segunda união, aos divorciados, separados, excluídos do seio eclesial por uma pena canônica ou pela anti-pastoral que não soube dar o devido relevo de atenção a um caso particular que mereceria maior atenção e sensibilidade.

Ser família sempre será uma tarefa árdua, um compromisso e uma proposta experimental de fé, amor e vida. Contudo, vale acreditar nesta experiência que percorre os séculos apesar de tantos ventos contrários. Sua missão e vocação perduram e insistem em sobreviver ainda que não queiram seu direito e dever. O Papa Francisco chama o mundo para esse desafio e conclama a Igreja no pensamento do Mestre Jesus Cristo: “Tudo em todos” para que todos sejam um.



O culto ao Sagrado Coração de Jesus

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Arcebispo de Mariana

A devoção popular dedicou o mês de junho ao Sagrado Coração de Jesus. A palavra de Pio XII, em sua encíclica sobre o Culto ao Sagrado Coração de Jesus, intitulada *Hauriet Aquas*, projeta uma grande luz que nos permite enxergar em profundidade o mistério do amor de Deus que se revela no Coração de Cristo. O culto que prestamos ao Sagrado Coração infunde em nós inumeráveis riquezas que vêm de Deus. O Coração de Cristo purifica o nosso coração e nos comunica vida, graça e salvação.

Tendo presentes as palavras do apóstolo São Tiago, “Toda dádiva preciosa e todo dom perfeito vem do alto e desce do Pai das luzes” (Tg 1, 17), neste culto, podemos considerar o admirável “dom que o Verbo encarnado e Salvador nosso, como único mediador da graça e da verdade entre o Pai e o gênero humano, concedeu à sua Igreja. Assim, pois, pode a Igreja manifestar mais amplamente o seu amor ao divino Fundador”.

Recorda-nos Pio XII que só será autêntico o culto que tributamos ao Sagrado Coração se for acompanhado de uma total entrega e consagração de nossa vida “ao amor do divino Redentor, do qual é sinal e símbolo vivo o seu coração traspassado”. O amor humano deve corresponder ao amor divino. Assim, supera-se qualquer sentimentalismo que distorce o sentido autêntico da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que a Igreja tem em grande estima e, por isso, ela se empenha em fomentá-lo e propagá-lo por toda parte entre o povo cristão.

O Coração de Cristo, diz Pio XII, “é o símbolo da sua imensa caridade para com o gênero humano”. Citando Leão XIII, ele acrescenta: O Sagrado Coração é “símbolo e imagem expressiva da infinita caridade de Jesus Cristo que nos incentiva a retribuir-lhe o amor com amor”. Assim o Papa exprime de maneira tão bela o que diz a sabedoria popular: “Amor com amor se paga”.

Aprofundando sua reflexão sobre a nossa redenção, recorda-nos Pio XII que, antes de tudo e pela sua própria natureza, se trata de um mistério de amor da “parte de Cristo para com seu Pai celeste, a quem o sacrifício da cruz, oferecido com coração amante e obediente, apresenta uma satisfação superabundante e infinita pelos pecados do gênero humano”. Além disso, o mistério da redenção é um mistério de amor misericordioso da Santíssima Trindade. Pelo seu sangue derramado por nós, Cristo pode restabelecer e aperfeiçoar aquele pacto de amizade entre Deus e os seres humanos. Jesus Cristo é o autor da reconciliação entre a divina justiça e a divina misericórdia.

Jesus possuía um verdadeiro corpo humano e, portanto, um coração dotado de todos os sentimentos que lhe são próprios, entre os quais se destaca o amor. Por conseguinte, o coração de Cristo, unido à pessoa divina do Verbo, palpitou de amor, sobretudo quando o divino Redentor pendente da cruz, sentiu o seu coração arder de consternação, misericórdia e desejo inflamado de paz. Um coração capaz de perdoar e de entregar-se inteiramente ao Pai: “Perdoa-lhes; porque eles não sabem o que fazem” (Lc 23, 34); “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Mt 27, 46); “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23, 43); “Pai, nas tuas mãos entrego meu espírito” (Lc 23, 46).

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus deve nos levar a vivenciar o que nos diz o Apóstolo Paulo: “Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus” (Fl 2,5). Ao mesmo tempo, acompanha-nos a certeza de que “ante as súplicas de tão grande advogado, e feitas com tão veemente amor, o Pai celestial, ‘que não poupou seu próprio filho, mas o entregou por todos nós’ (Rm 8, 32), por meio dele derramará incessantemente sobre todos os seres humanos a abundância das suas graças divinas”.

Assine o PASTORAL

Faça seu depósito identificado em nome da Arquidiocese de Mariana, na Caixa Econômica Federal ou Casas Lotéricas, Agência: 1701 - Conta: 583-3 Operação: 003 e envie email com seus dados e confirmação de depósito para assinaturaspastoral@gmail.com

Valor da assinatura: R\$ 25,00 anual (12 exemplares)

PASTORAL Expediente

Periódico mensal, fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG

Endereço: Rua Dom Silvério, 51 Centro. CEP 35420-000 - Mariana/MG. Fone: (31) 3557 3167. Email: jornalpastoral@yahoo.com.br

Diretor: Pe. Wander Torres Costa.

Jornalista: Marcelo Martins - MG 06241JP

Conselho Editorial: Edina da Silva, Ester Trindade, Pe. Geraldo Martins Dias, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. José Maria Coelho da Silva, Pe. Paulo Barbosa, Pe. Wander Torres, Carlos Heitor Fideles.

Produção: Editora Dom Viçoso. Rua Cônego Amando, 131 São José. CEP 35420-000 - Mariana MG. Fone: (31) 3557 1233. Email: edv@graficadomvicoso.com.br

Tiragem: 2.000 exemplares.

Vamos falar do Brasil. Ou dos brasileiros?

Arquivo pessoal

O *Jornal Pastoral* quer discutir e aprofundar um pouco mais sobre a situação atual do Brasil. Mas não simplesmente em aspectos de desenvolvimento e da economia, como faz a maioria dos veículos de imprensa. O *Jornal Pastoral* quer ajudar a entender o humano e como ele se relaciona com tudo isso que está acontecendo em nosso país. Para ajudar nesta discussão, entrevistamos o professor Geraldo Emery. Doutorando em Filosofia pela UFMG, linha de pesquisa Ética e Filosofia Política, Emery possui mestrado em Filosofia Social e Política pela UFMG e é especialista em Temas Filosóficos. Lecionou como professor-assistente na PUC-MINAS e na Faculdade Pitágoras em Belo Horizonte. Atualmente é professor efetivo do Colégio de Aplicação (COLUNI) da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

JORNAL PASTORAL: O Brasil vive um momento se não único, pelo menos muito importante na sua história. Uma divisão, se assim podemos dizer, entre ideias progressistas e reacionárias. Esta conjuntura se deu a partir de expectativas e posições da população ou o povo só está reverberando algo orquestrado por grupos que estão no poder?

GERALDO EMERY: Falar de causas desse movimento de retrocesso parece-me uma tentativa de leitura pragmática que ajuda pouco na compreensão da realidade política, conduzindo a um raciocínio problemático do tipo: isso foi causado por aquilo, se resolvo aquilo elimino isso. Acredito, é só uma opinião, que a democracia é um sistema de risco, inclusive para si mesma. As ações políticas não se enquadram em manuais técnicos de previsibilidade, daí a nossa angústia com a política, às vezes resulta no imprevisível e no indesejado.

No caso de uma democracia, que se torna cada vez mais plural, parece-me que a imprevisibilidade aumenta na mesma proporção do aumento da pluralidade. Assim, penso que se admitimos a aquisição de direitos como processo de construção política, democraticamente, as lutas contrárias a esses direitos também encontram lugar, nas “esferas públicas” dos debates, eis o risco e o vigor da democracia.

Atualmente temos mais espaços de declaração de opiniões e manifestações, e inclusive formas mais cômodas de expressão, e que também corroboram para a articulação das ações clássicas (atos de rua por exemplo), tal situação parece não só ampliar, mas tornar evidentes as divergências e os conflitos. A título de hipótese, sem fundamentá-la, penso que a velocidade de circulação da “informação”, e as várias possibilidades de manifestação de opiniões, acompanhadas de condições novas de “anonimato” constituem um fenômeno importante na tentativa de compreender a densidade da experiência política contemporânea.

Nas atuais democracias de massa, as novas formas de anonimato informam uma configuração de “esfera pública” onde posso “aparecer sem ser visto”, bem como posso construir uma “face sem rosto”. Não quero colocar isso como uma generalização, nem afirmar que as pessoas não assumem posições, mas a possibilidade da hipótese, há pouco levantada, parece catalisar e ampliar a sensação e ou percepção de acirramento.

Portanto, vejo que a ampliação de direitos implica na conquista de lugares daqueles que há muito estavam desalojados de um lugar no mundo, fato que traz para a cena pública a luta e a disputa política da conquista desses lugares, e isso é importante considerar visto que em outros tempos várias dessas reivindicações nem alcançavam lugar no “Espaço Público”. Essa constatação fere a ingênua crença de um lugar e um direito naturalmente garantidos, e reafirma a premissa de direitos construídos e, **politicamente**, mantidos. Enfim, o que estamos vivendo é a experiência fática da conquista de direitos dentro das condições da disputa política contemporânea, conquista entendida como luta política e não como uma solidariedade natural dos homens entre si.

JORNAL PASTORAL: Houve uma melhoria considerável na qualidade de vida material da população brasileira nos últimos anos. Como fazer com que esta melhoria na qualidade de vida traga uma lógica mais voltada para o bem viver. Ou seja, para um consumo mais consciente e uma preocupação maior com o outro e com o mundo?

GERALDO EMERY: A melhoria nas condições materiais de vida da população é expressão de pautas marginais que ganharam lugar no espaço público, ou seja, se tornaram um tema político, implicaram escolhas e opções por ações que se fizeram relevantes e ganharam poder na disputa dentro do espaço público. Mantê-las é parte da trama da experiência política de estabilizar e expandir essas conquistas de direitos, é algo da ação política sempre contínua, imprevisível e arriscada.

Pensando no consumo consciente, na qualidade de vida e no cuidado com o outro e com o mundo, o problema é tornar tais preocupações demandas políticas, ou seja, que passem a fazer parte da agenda da construção do entendimento. Tudo passa pela capacidade de agir em consenso, de gerar poder político, ou seja, ações não violentas que mobilizam e geram a adesão ao que politicamente foi deliberado e escolhido. Esta afirmação se apresenta na condição de horizonte e limite, pois participar, sentir a condição de pertencimento, e experimentar o poder no agir em consenso são desafios das democracias representativas e de massa.

A ideia de que um “outro mundo” é possível parece carecer de poder político, pois só falamos de político porque a pauta é o viver junto, daí não escapamos da alteridade. Sobre um consumo consciente e uma mútua relação de cuidado, tais questões informam o nosso dilema: Como queremos viver com os outros? Creio que é a pergunta que politicamente precisamos nos fazer constantemente.

JORNAL PASTORAL: Temos o Congresso Nacional mais conservador da história, segundo vários cientistas políticos. E para piorar, outras instituições que representam a população como ONG's, partidos políticos e sindicatos vivem também um momento, digamos, de crise. Qual o caminho devemos seguir? Alguma instituição é capaz de entender este mosaico em que se transformou a sociedade e ajudar no desenvolvimento nesta conjuntura cada vez mais fragmentada?

GERALDO EMERY: Bom, quem tiver a resposta peço que conte logo, mas mesmo assim desconfiarei dela, porque soluções exatas para o conflituoso viver juntos, que informa a nossa condição, tem sido expressões tirânicas e totalitárias. E há muita gente defendendo soluções desse tipo hoje. É preciso pensar no preço que se paga por tais escolhas.

Experimentar, discutir, agir dentro desta pluralidade. Acho que o que é importante é conservarmos as instituições democráticas que tornam possível as

diversas disputas políticas dentro de um Espaço Público, daí as conquistas e retrocessos são caminhos da luta política, é algo histórico. Para a

política é preciso a virtude da coragem, e neste caso assumir a democracia e manter as suas instituições é ter coragem de correr riscos.

JORNAL PASTORAL: A CNBB e a OAB, entre outras instituições, vêm tentando estabelecer um diálogo entre governo e sociedade. O caminho é este? A religião ainda traz valores capazes de tocar o mundo contemporâneo?

GERALDO EMERY: O diálogo entre governo e sociedade é uma face do jogo político que precisa ser entendida melhor, diálogo por diálogo, não gera o sentimento de pertencimento. O pertencimento político passa pela experiência de poder, o agir em concerto, sentir-se participante e poder decidir, essa é a condição de potencialidade de um diálogo entre governo e sociedade. É preciso que as pessoas se sintam com poder político, e o que tem fragilizado nossa relação com a representatividade democrática é isso, a representação tem soado como uma “usurpadora” de poder, mesmo em eleições democraticamente legítimas.

A relação religião e mundo contemporâneo é um tema espinhoso e que requer uma articulação teórica bastante complexa. O que hoje nós chamamos de modernidade é um período marcado por um processo de secularização, que de forma muito simplificada seria uma espécie de explicação e legitimação de ocorrências no mundo sem se valer de categorias teológicas. As coisas são mais complexas que isso, estou tentando simplificar.

Religião hoje é algo muito plural, algo inclusive que se multiplica, e por efeito da própria secularização, parece-me, tem um caráter de fragmentação muito grande, e aqui não estou discutindo especificidades como religião, seitas etc. Autoridade e unidade são ideias fracas neste mundo secularizado, inclusive no âmbito religioso, por isso “valores religiosos” é uma expressão que acho imprecisa e ambígua, pois temos religiões e religiões, valores e valores.

Alteridade e viver junto neste mundo são os temas fundamentais que informam a nossa tentativa de encontrar um sentido para a política, assim, num mundo secularizado, mas que parece ser afetado por temas e influências religiosas. Para pensar uma suposta relação entre os “valores religiosos” e o mundo contemporâneo, creio que há uma pergunta que precisa ser enfrentada por quem deseja tentar compreender essa tensa relação: qual é o alcance da alteridade e do viver junto neste mundo, suportado pelos ditos “valores religiosos”? Parece-me que a força moral dos “valores religiosos”, se conseguirmos defini-los, no mundo contemporâneo, estaria na consciência desse alcance.



Encontro marca nova etapa na comunicação

Bruna Sudário

O primeiro encontro de Comunicadores com Dom Geraldo Lyrio Rocha, arcebispo de Mariana, promovido pelo Departamento Arquidiocesano de Comunicação (Dacom) na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Congonhas, foi marcado por uma ampla troca de conhecimentos, experiências, além de debates sobre a comunicação e a Igreja.

O evento, que reuniu mais de cem comunicadores, além de celebrar o Dia Mundial das Comunicações, teve como intuito “estretar os laços de comunhão em favor de uma comunicação que tenha como diretrizes o bem comum, a verdade, a ética, a transparência e os valores humanos e cristãos”, como explicou o diretor do Dacom, padre

Paulo Barbosa.

Lembrando a mensagem do papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações, comemorado no dia 17 de maio, Dom Geraldo disse que a Igreja se parece com uma família e que é preciso melhorar a qualidade dos meios de comunicação.

“É preciso que a palavra de Deus chegue aos ouvidos para poder ecoar nos corações das pessoas. Para isso é preciso valorizar o ministério da palavra e a Pascom pode prestar um grande serviço, para que a comunicação da palavra de Deus não fique prejudicada”, explicou o arcebispo.

A temática comunicação e valores e ética na comunicação também foram pautas da reunião. Para a jornalista e pa-

lestrante, Daniele Ribeiro, de Barbacena, é possível informar e evangelizar com responsabilidade e respeito.

“Eu vejo os dois pontos como fundamentais. Evangelizar, pois é o principal papel na Igreja e também que a Igreja se organize para levar as notícias de maneira eficiente. Precisamos pensar na melhor forma de comunicar Jesus, sempre com responsabilidade e qualidade”, comenta.

Representantes das rádios Congonhas e FAMA, ambas da Arquidiocese de Mariana, apresentaram a realidade de cada



veículo. Os participantes tiveram oportunidade de fazer intervenções e perguntas aos conferencistas a respeito do tema discutido.

Para o diretor do Dacom, o encontro mostrou a importância da comunicação na Igreja.

“A comunicação é muito utilizada hoje, seja na liturgia, rádio, imprensa, ou outros meios que a arquidiocese dispõe. E nós temos o papel de realizar uma comunicação libertadora, profética, que leve paz”, finalizou padre Paulo Barbosa.

Conselho de Pastoral discute Projeto Arquidiocesano de Evangelização

Bruna Sudário



Foi realizada no dia 14 de maio, no Centro de Pastoral, em Mariana, a reunião do Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP). O encontro apresentou, entre os pontos de pauta, os encaminhamentos da 23ª Assembleia Arquidiocesana e as novas diretrizes para a ação evangelizadora, definidas pela CNBB em sua última Assembleia Geral. A reunião contou com a presença do Arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha.

Segundo o Coordenador Arquidiocesano de Pastoral, padre Geraldo Martins, o conselho tem

a missão de fortalecer a articulação e a comunhão da ação pastoral da Igreja particular de Mariana. “É aqui que nós discutimos importantes temas que devem nortear a ação evangelizadora da Igreja”.

Ao ressaltar a importância das diretrizes para a ação evangelizadora, Dom Geraldo disse que este processo traz unidade para toda Igreja. “Essas diretrizes são para todos os níveis e elas precisam ganhar forma em nosso projeto arquidiocesano”.

Outro ponto que ganhou destaque no encontro foi o início do processo de elaboração

do novo Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE). Segundo padre Geraldo Martins, a proposta para os próximos anos será amplamente discutida. “Estamos decidindo se ele deve dar continuidade ao atual, se deve ser algo totalmente novo. O que vai nos inspirar na elaboração desse novo projeto são o projeto atual e sobretudo, as novas diretrizes para ação evangelizadora da Igreja no Brasil, que foram atualizadas. Durante a assembleia, que ocorrerá em novembro, vamos definir qual caminho iremos seguir”, explica.

A caminho do novo PAE

O Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP) deu início, em sua última reunião, no mês de maio, ao processo de elaboração do novo Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE). O caminho, a exemplo do projeto em vigor, será longo e primará pela participação das comunidades, agentes de pastoral, associações e movimentos eclesiais de modo a contemplar a ampla e complexa realidade de nossa arquidiocese.

Foi constituída uma equipe que se encarregará de elaborar um texto-base a ser aprovado pela próxima Assembleia Arquidiocesana no final de novembro deste ano. Esse texto, que será submetido ao CAP no próximo mês de agosto, uma vez aprovado pela Assembleia de novembro, será estudado e debatido nas regiões, foranias, paróquias, comunidades e grupos eclesiais, recebendo emendas e complementos durante todo o ano

de 2016. Ao final desse ano, uma nova versão, acrescida das contribuições vindas da base, será apresentada à Assembleia que a aprovará e a transformará no novo PAE.

A base do novo projeto será o atual PAE, considerando que muitas de suas intuições ainda merecem nossa atenção e cuidado, além das novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DAGE), aprovadas na última assembleia da CNBB, e do Documento 100 da CNBB (*Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*). Retomando as cinco urgências da evangelização (*Igreja em estado permanente de missão, Igreja: casa da iniciação à vida cristã; Igreja: lugar da animação bíblica da vida e da pastoral; Igreja: comunidade de comunidades; Igreja a serviço da vida plena para todos*), as DGAE nos ajudarão a ampliar o projeto de evangelização de nossa arquidiocese de modo a contemplar os novos desafios apontados pelo atual contexto da realidade social, política, econômica, cultural e religiosa em que vivemos.

Nosso esforço há de ser sempre o de cumprir o mandamento de Jesus: “Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (Mt 28,19). Nesse ‘Ide’, lembra o Papa Francisco, “estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída missionária’” (EG, 20). É o que buscaremos com o projeto que construiremos juntos.

Ao mesmo tempo em que iniciamos o processo de elaboração do novo PAE, continuamos a implementação do atual projeto que avança na proposta de evangelização junto às pessoas que se encontram afastadas de nossas comunidades, vivendo nas “periferias existenciais”. O esforço de ir ao seu encontro para escutá-las tem nos revelado a necessidade urgente de nos educarmos nessa prática. Estamos confiantes de que o Espírito nos inspirará respostas aos desafios encontrados nesta missão.

Pe. Geraldo Martins
Coordenador de Pastoral

Região Oeste se prepara para receber imagem peregrina de Aparecida

A imagem Peregrina de Nossa Senhora Aparecida chega, no mês de julho, à Região Pastoral Mariana Oeste. A imagem, que percorre paróquias localizadas na Região Sul da Arquidiocese sairá do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, em Barbacena, após a celebração das 15h do dia 10 de julho, seguindo para Conselheiro Lafaiete, quando chega à Basílica do Sagrado Coração de Jesus.

O Santuário Nacional de Aparecida iniciou, em 2014,

a preparação para as comemorações dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida no Rio Paraíba em 1717. Durante três anos (2014 a 2017), a imagem peregrina de Nossa Senhora Aparecida percorre-

rá as dioceses do Brasil para celebrar a data. A imagem seguirá por todas as regiões da Arquidiocese de Mariana. O encerramento da peregrinação será em Mariana, na Catedral, com missa às 16h, no dia 25 de junho de 2017.



Período	Paróquia	Cidade
12/07 a 19/07	São Sebastião	Casa Grande
19/07 a 26/07	Paróquia Santo Amaro	Queluzito
26/07 a 02/08	Santo Antônio	Cristiano Otoni
02/08 a 09/08	Santana	Santana dos Montes
09/08 a 16/08	São José	Joselândia
16/08 a 23/08	Nossa Senhora da Glória	Caranaíba
24/08 a 28/08	Nossa Senhora Mãe da Igreja	Congonhas
28/08 a 01/09	São José Operário	Congonhas
01/09 a 07/09	Nossa senhora da Conceição	Congonhas
07/09 a 14/09	Basílica do Senhor Bom Jesus	Congonhas
15/09 a 20/09	Sagrada Família	Ouro Branco
20/09 a 25/09	São José Operário	Ouro Branco
25/09 a 30/09	Divino Espírito Santo	Ouro Branco
30/09 a 06/10	São Sebastião	Monsenhor Izidro
06/10 a 12/10	Santo Antônio	Ouro Branco
13/10 a 19/10	São Brás	São Brás do Suaçui
19/10 a 26/10	Nossa senhora da Conceição	Jeceaba
26/10 a 01/11	Nossa Senhora das Brotas	Entre Rios de Minas
02/11 a 08/11	Basílica do Sagrado Coração de Jesus	Conselheiro Lafaiete
08/11 a 12/11	Bom Pastor	Conselheiro Lafaiete
13/11 a 15/11	Santa Terezinha	Conselheiro Lafaiete
16/11 a 21/11	São Sebastião	Conselheiro Lafaiete
21/11 a 27/11	Santo Antônio	Itaverava
27/11 a 29/11	Reitora São Judas Tadeu	Conselheiro Lafaiete
29/11 a 08/12	Nossa Senhora da Conceição	Conselheiro Lafaiete
09/12 a 12/12	Nossa Senhora de Lourdes	Conselheiro Lafaiete
12/12 a 16/12	São João Batista	Conselheiro Lafaiete
16/12 a 21/12	Nossa Senhora da Luz	Conselheiro Lafaiete

NOMEAÇÕES E TRANSFERÊNCIAS

Depois de ouvir o Conselho Episcopal, o Senhor Arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha nomeou Pe. Luiz Cláudio Vieira, Pároco da Paróquia do Bom Pastor, em Barbacena e Membro da Equipe dos Formadores do Curso Propedêutico; Pe. Geraldo Barbosa, Pároco da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Mariana; Pe. Edmar José da Silva, Pároco da Paróquia de São Sebastião, em Itabirito; Pe. Danival Milagres Coelho, Diretor da Comunidade da Filosofia do Seminário São José; Pe. Adilson Luiz Umbelino Couto, Vigário Paroquial da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção (Catedral), em Mariana, Diretor Espiritual da Comunidade da Filosofia e Diretor dos Estudos do Instituto de Teologia do Seminário São José; Pe. Anderson Eduardo de Paiva, Vigário Judicial Adjunto; Pe. José Carlos dos Santos, Vigário Paroquial da Paróquia de Santa Efigênia, em Ouro Preto e Membro da Equipe de Formadores do Seminário São José; Pe. Wander Torres Costa, Administrador da Quase Paróquia de São José, em Oratórios, acumulando com as funções de Pároco da Paróquia de São Sebastião, em Ponte Nova; Pe. Antônio Gualberto Monteiro, Vigário Paroquial da Paróquia de São Sebastião, em Ponte Nova; Pe. D'Artagnan de Almeida Barcelos, Administrador Paroquial da Paróquia de São José, em Pedra Bonita e Assessor Arquidiocesano da Pastoral da Sobriedade; Pe. José Antônio de Oliveira, Assessor do Conselho do Laicato da Arquidiocese de Mariana (CLAM).

Depois de ouvir o Conselho Episcopal, o Senhor Arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha nomeou Pe. Luiz Cláudio Vieira, Pároco da Paróquia do Bom Pastor, em Barbacena e Membro da Equipe dos Formadores do Curso Propedêutico e Pe. Luiz Carlos Ferreira, Vigário Paroquial da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Mariana.

GIRO RÁPIDO

PROVÍNCIA ECLESIAÍSTICA

A Província Eclesiástica de Mariana, composta das dioceses de Caratinga, Governador Valadares, Itabira/Coronel Fabriciano e Mariana, em reunião que contou com a presença de seus bispos, representantes dos presbíteros e das coordenações de leigos e leigas, tornou público, no mês de abril, a Carta Compromisso do 1º Encontro da Província Eclesiástica sobre Meio Ambiente, acontecido na diocese de Caratinga, com representantes das quatro dioceses.

Entre os objetivos do documento estava o de apresentar o quadro da realidade enfrentado pelas dioceses na defesa do meio ambiente, lançando pistas de ações em respostas aos muitos desafios ambientais, propondo alternativas que viabilizem mais sustentabilidade, defesa da ecologia e qualidade de vida.

A Carta Compromisso agora passa a fazer parte da agenda oficial de iniciativas e compromissos das dioceses, movimentando os grupos eclesiais, motivando associações, entidades civis e públicas para o compromisso com o meio ambiente.

Confira a Carta Compromisso da Província Eclesiástica de Mariana sobre o Meio Ambiente no site www.arqmariana.com.br.

ESCOLA DE FÉ E POLÍTICA

Estão abertas as inscrições para a quarta turma da Escola de Fé e Política Dom Luciano. O primeiro, dos cinco módulos, começa no dia 19 de junho e as inscrições estão abertas até o dia 9 do mesmo mês. O curso é itinerante, com cada módulo sediado em uma cidade das cinco regiões da Arquidiocese de Mariana. Temas como "O povo de Deus e a política", "Fé e compromisso" e "Cidadania e participação popular" serão abordados durante a formação.

Para participar da quarta turma da Escola de Fé e Política, o participante deve fazer a inscrição por meio do telefone (31) 3557-3167 e falar com Etelvina, ou, então, enviar para o e-mail escoladomlucioano@hotmail.com, os seguintes dados: nome, CPF, data de nascimento, endereço completo, telefone de contato, e-mail, atuação pastoral/social e a paróquia ou entidade que representa. Neste caso, a taxa por módulo é de R\$50,00.

ARQUITETURA E ARTE SACRA

Estão abertas as inscrições para o 10º Encontro Nacional de Arquitetura e Arte Sacra promovido pela Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Marcado para 18 a 22 de agosto, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), em Belo Horizonte (MG), o evento terá como tema os 50 anos da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a sagrada liturgia. Na ocasião, serão debatidos os avanços e as perspectivas do documento com vistas ao crescimento do cuidado e da qualidade nos espaços celebrativos.

A formação tornará possível o aprofundamento dos temas relacionados à arquitetura, liturgia e arte, além de auxiliar na difusão do interesse e da aplicação de conhecimentos em projetos, adaptações e construções de espaços de celebrações.

Para realizar as inscrições e obter informações sobre valores e hospedagem, acesse a página do Sistema de Inscrição em Eventos da CNBB no link www.cnbb.org.br.

Família: ninho que também é nó

Considerada a principal estrutura da sociedade em todo o mundo, a família é um dos assuntos mais discutidos na atualidade e será tema de Sínodo dos Bispos em outubro deste ano

Reprodução

“Sem o testemunho alegre dos cônjuges e das famílias, igrejas domésticas, o anúncio (do evangelho), mesmo se correto, corre o risco de não ser compreendido ou de se afogar no mar de palavras que caracteriza a nossa sociedade.” O texto é forte e apresenta uma responsabilidade gigante para as famílias e para todos que vivem na fé em Cristo e trabalham pela construção do Reino de Deus. O trecho acima faz parte do Relatório Sinodal (*Lineamenta*) que vai guiar os trabalhos da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que reunirá religiosos de todo o mundo de 4 a 25 de outubro, no Vaticano, com o tema “A vocação e a missão da família na Igreja, no mundo contemporâneo”. O mesmo texto traz ainda uma outra afirmação que coloca a família como o epicentro de toda a evangelização. “O anúncio do Evangelho da família é uma urgência para a nova evangelização. A Igreja é chamada a fazê-lo com ternura de mãe e clareza de mestra (cf. Ef 4,15), na fidelidade à kenose (esvaziamento, gratuidade) misericordiosa de Cristo”. Mas por que o tema família é tão importante? E por que tantas instituições, além da Igreja, têm se proposto a tratar do tema nos dias atuais?

O ex-assessor da Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família da CNBB, padre Rafael Fornasier, ajuda a refletir sobre estes questionamentos. “Desde Aristóteles, passando por Cícero e pelo grande jurista e político brasileiro, Rui Barbosa, até chegar à Declaração Universal dos Direitos Humanos e à Constituição Federal do Brasil, a família é reconhecida como sendo a ‘célula’, a ‘base’, o ‘elemento natural’ da sociedade, o *seminarium rei publicae* (o seminário das coisas públicas). O grande antropólogo Claude Lévis-Strauss acrescenta: ‘a família é, no seio da sociedade, a emanação de exigências naturais com as quais é absolutamente necessário compor; senão, sociedade alguma, nem a própria humanidade, poderia existir.’”

Padre Rafael afirma ainda que esta “célula” tem um modelo: a família de Jesus. “O caso da Família de Nazaré é único! Sem entrar num longo debate teológico que depende do modo como se leem os Evangelhos, quando se fala que a Sagrada Família é modelo, deseja-se afirmar que ela pode ser imitada em algumas de suas características ou atitudes. A mais importante delas, parece-me, é uma vida totalmente centrada na pessoa de Jesus Cristo e orientada por Ele. Dessa experiência com Cristo, que deve ser a de todos nós, jorra o amor que nos ensina a reconhecer o que há de bom em certas situações familiares e nos interpela à mudança de vida quando necessário.”

O desafio do modelo familiar

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* (Alegria do Evangelho), afirma que as famílias atuais atravessam uma crise profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. “No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais



transmitem a fé aos seus filhos” (EG 66). “O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares (EG 67)”.

Para o padre Rafael Fornasier (foto abaixo), no próprio texto, o Papa Francisco indica o caminho para a Igreja enfrentar o desafio de estar mais próxima das famílias, auxiliando na construção de um modelo cada vez mais cristão. “A Igreja é o corpo de Cristo, isto é, a comunhão de todos os batizados, enviados constantemente por ele. Isso concerne os fiéis leigos, os religiosos e religiosas e os ministros ordenados. Todos são desafiados, inclusive a própria família, a criar mais proximidade. Mas não qualquer proximidade, senão aquela que constrói verdadeiras relações humanas. O Papa Francisco,

CNBB



na *Evangelii Gaudium* indica, ao meu ver, o que embasa uma verdadeira relação humana: é aquela que nos ensina a pertencer ao outro; a nos reconhecermos dependentes e por isso mesmo pessoas livres, porque liberdade só se vive em relação. Talvez tenhamos que parar de agredir o tempo, para deixar que ele se doe a nós no convívio cotidiano para escutar, dialogar, chorar e sorrir juntos na perspectiva de uma ‘cultura do encontro.’”

Para ele, o momento vivido pela Igreja é especial. “Certamente o Sínodo é uma oportunidade para a Igreja, mas o é também para toda a humanidade que está sedenta de sentido para a vida e para a vida de família, desejo ainda latente no coração dos jovens.”

Em seu livro “Evangelho da família”, o presidente emérito do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos, cardeal Walter Kasper, afirma que a felicidade dos homens depende também da vida familiar. Em entrevista à Rádio Vaticano, ele disse que “O Evangelho da família (livro) pretende dizer que Deus quer bem à família e que a família é fundada por Deus desde o início da Criação: é a mais antiga instituição da humanidade. Jesus Cristo fez o seu primeiro milagre durante as bodas de Caná: Ele apreciou a família e elevou-a a Sacramento, e isso significa que o amor entre o homem e a mulher está integrado no amor de Deus. Por isso é um Sacramento. (...) Proponho (no livro) uma via para além do rigorismo e do laxismo: é óbvio que a Igreja não pode simplesmente adaptar-se ao ‘status quo’; mas sim, devemos encontrar uma via do meio, que era o caminho da moral tradicional da Igreja. Não é contra a moral, não é contra a doutrina, mas, sobretudo, a favor de uma aplicação realista da doutrina à situação atual da grande maioria dos homens para contribuir à felicidade das pessoas.”

A conversa de mãe

Mas estar dentro de uma estrutura familiar não pode causar dependência e sufocar o desenvolvimento das pessoas? Autor do livro “Família: caminho da sociedade e da Igreja”, em parceria com Dom João Carlos Petrini, padre Rafael Fornasier afirma que não. “Alguns psicólogos costumam dizer que a família é ninho, mas também é nó. Outros completam afirmando que no ninho não se pode ficar, pois é um lugar de passagem, de aprendizado para dar saltos, bater as asas e voar em direção aos desafios e possibilidades da vida. O mesmo se diga em relação aos nós: quem disse que se está destinado a viver o resto da vida com eles?...”, explica padre Rafael, destacando que a contribuição da estrutura familiar é para a vida toda. “Na família pode haver problemas de várias ordens; e eles existem de fato. Mas a contribuição de uma família que os enfrenta com coragem é insubstituível para o bem da pessoa, da sociedade e da própria Igreja. A família é uma escola e deve cada vez mais ser, pois é nela que se aprende o que significa ser filho e filha, irmão e irmã, pai e mãe. É onde se aprende, entre tantas coisas, a partilha, a confiança, a solidariedade, o dom desinteressado, o perdão, a reconciliação, o exercício de uma liberdade e de uma autonomia relacionais e responsáveis. Ela é lugar de um amor que envolve os afetos e os traduz em gestos concretos, fiéis, perseverantes e fecundos”, finaliza.

O Papa Francisco traz ainda um outro elemento importante para o debate: o ensinamento que traz aprendizado. Como em uma conversa de mãe, que fala e escuta. “Dissemos que o povo de Deus, pela ação constante do Espírito nele, se evangeliza continuamente a si mesmo. Que implicações tem esta convicção para o pregador? Lembra-nos que a Igreja é mãe e prega ao povo como uma mãe fala ao seu filho, sabendo que o filho tem confiança de que tudo o que se lhe ensina é para seu bem, porque se sente amado. Além disso, a boa mãe sabe reconhecer tudo o que Deus semeou no seu filho, escuta as suas preocupações e aprende com ele. O espírito de amor que reina numa família guia tanto a mãe como o filho nos seus diálogos, nos quais se ensina e aprende, se corrige e valoriza o que é bom (EG 139)”.

Congresso Arquidiocesano

A Arquidiocese de Mariana também tem investido no aprofundamento de temas ligados à família. Além das discussões e do envio das respostas levantadas no *Lineamenta*, a Arquidiocese promove o IV Congresso Arquidiocesano da Pastoral Familiar que quer trazer mais luz ao assunto e debater a “Família e a Evangelização”. Segundo o coordenador arquidiocesano da Pastoral Familiar, Euro Domingo Teixeira, este é um tema que deve estar em pauta em cada uma das paróquias que compõem a arquidiocese. “O mais importante é levar o que se aprende a cada canto das nossas comunidades. Discutir o assunto e repassar os pontos mais importantes tratados em nosso Congresso”. O Congresso terá a participação de cerca de 400 pessoas de toda as regiões da Arquidiocese.

Para o assessor arquidiocesano da Pastoral Familiar, padre Luiz Carlos Ferreira, o principal objetivo do Congresso e da Arquidiocese é iluminar o debate e o dia a dia das famílias. “Queremos que o Congresso traga luz à ação da Arquidiocese junto a todas as famílias das nossas paróquias. Precisamos ir ao encontro destas famílias e este Congresso é o motivador principal de todo este trabalho que devemos fazer”, afirmou.

Kátia Almeida



A Família, em tempos passados, era um grupo de pessoas consanguíneas: pais e filhos. Ultimamente, significa um grupo de pessoas que moram juntas na mesma casa. A Evangelização se refere à transmissão do Evangelho, a Boa Notícia de Jesus.

Na Bíblia Sagrada fala-se muito da universalidade da missão evangelizadora. A Palavra de Deus deve ser anunciada até os confins da terra (cf. At 1,8), a todas as criaturas (cf. Mc 16,15), por todas as pessoas batizadas. A evangelização se faz de várias formas. Os pais que falam de Deus a seus filhos, que os educam nos princípios cristãos: na honestidade, no respeito, no amor e no perdão, na solidariedade e espírito de partilha. Outra forma de evangelização tem o nome de catequese, embora a evangelização deva anteceder a catequese. Os/as catequistas ajudam os pais na educação cristã de seus filhos. Também a Comunidade/Igreja evangeliza, quando se organiza nos ministérios, nas pastorais, nos diversos serviços, como uma grande família de Deus. Assim como a Paróquia é uma “comunidade de comunidades”, também a comunidade eclesial é uma comunidade constituída de famílias.

O mundo poderia ser melhor se as famílias fossem melhores. Entretanto, temos muitos desafios na família de hoje. Os pais precisam trabalhar fora e os filhos ficam privados da presença educadora e carinhosa de seus pais. A televisão é a grande deseducadora em nossos dias. A internet é outro progresso que, por causa do mau uso, veio prejudicar a educação dos filhos. Televisão e internet, muitas vezes, desestruturam as famílias, provocando um verdadeiro caos na sociedade, visto que a sociedade é constituída de famílias.

A Igreja tem a missão de evangelizar. Ela sabe que a melhor forma de evangelização está em constituir boas famílias, onde os pais se responsabilizam pela educação integral dos filhos. Com o desejo de preparar melhor os jovens para serem pais, a Igreja organizou os cursos de noivos, hoje substituídos, com sabedoria, pelos casais acolhedores de noivos que desejam se preparar para o Matrimônio. Esta modalidade de preparação para o Matrimônio consiste em um casal com experiência matrimonial acolhendo um casal de jovens em preparação para o Matrimônio. Seria muito bom que os casais acolhedores ajudassem também os casais que não pretendem receber o sacramento do Matrimônio a refletir sobre a grandeza de ser pai e de ser mãe.

O grande desafio hoje para a família é enfrentar uma sociedade movida por um capitalismo desumano. A inversão dos valores: o ser humano vale – na sociedade capitalista e egoísta – pelo que produz e pelo que consome. Daí a dizer que “tempo é dinheiro”. Certo dia uma criança perguntou a seu pai: – Pai, quanto o senhor ganha por hora de trabalho? O homem fez as contas e respondeu: - vinte reais. A menina lhe disse: - o senhor me empresta dez reais? - Mas prá que, minha filha?, perguntou o pai. – É que eu tenho dez reais, com mais dez posso pagar o senhor para brincar comigo uma hora, disse a menina.

Como é notável, a Igreja tem se preocupado com a família. Por isto não se cansa de insistir na organização das pequenas comunidades, dos grupos de famílias para refletir a Palavra de Deus (grupo de reflexão). Insiste em ter um número maior de catequistas e zela pela formação dos(as) mesmos(as) para auxiliar aos pais na educação dos filhos. Organiza e acompanha com zelo a pastoral familiar. Às vezes, Paróquia ou Diocese prioriza a família numa ação pastoral. É a coisa mais acertada que se faz, pois a família, na verdade é o primeiro destinatário da evangelização. Pode-se dizer que todas as pastorais no sentido religioso ou social, de alguma forma, estão voltadas para a família. A evangelização da família é a garantia de um futuro melhor para a sociedade.

Multidão vê Dom Romero ser beatificado como mártir e herói dos pobres

pj.org.br

Em uma cerimônia realizada no dia 23 de maio, provavelmente o maior encontro religioso na história da América Central, Dom Oscar Romero, assassinado no dia 24 de março de 1980 por defender os pobres e as vítimas de abusos dos direitos humanos em El Salvador, foi declarado beato da Igreja Católica. A beatificação é o estágio final antes da canonização. Dom Romero foi beatificado como um mártir, como alguém que morreu dando testemunho da fé católica, na sequência de um decreto emitido pelo Papa Francisco em fevereiro passado que o reconhecia como tal.

A multidão reunida na Praça do Divino Salvador do Mundo, em San Salvador, para a missa de beatificação foi estimada em, pelo menos, 300 mil, incluindo milhares de peregrinos vindos de fora do país. A multidão contou com aproximadamente 300 bispos de todo o mundo e nove chefes de Estado, todos da América Latina.

“A memória de Romero ainda está viva e dando conforto aos pobres e marginalizados”, disse o cardeal italiano Angelo Amato, prefeito da Congregação para as causas dos Santos, que presidiu a missa de beatificação. “Ele [Romero] foi a luz do mundo e o sal da terra. Os seus perseguidores desapareceram e foram esquecidos, mas Romero continua a lançar luz sobre os pobres e marginalizados”, disse Amato.

O Papa Francisco, primeiro pontífice latino-americano, enviou uma mensagem pessoal para a cerimônia de beatificação. “Em tempos de coexistência difícil, Romero soube como guiar, defender e proteger o seu rebanho”, escreveu o Papa. “Damos graças a Deus porque concedeu ao bispo mártir a capacidade de ver e ouvir o sofrimento de seu povo”, disse Francisco. “Quando se entende bem e se assume até as últimas consequências, a fé em Jesus Cristo cria comunidades artífices de paz e solidariedade”. O Cardeal Amato leu a carta do papa no início da cerimônia.

Dom Romero

Nomeado arcebispo de San Salvador em 1977, Dom Romero rapidamente se tornaria o mais franco opositor de um governo nacional de direita apoiado pelos EUA fortemente ligado às forças militares.

O ato público final de Dom Romero, no dia anterior à sua morte, foi suplicar – e mesmo ordenar – que os soldados e as forças de segurança não

atrasassem contra os civis que protestavam contra certas políticas do governo. No dia seguinte, Dom Romero foi baleado no coração enquanto rezava a missa numa pequena capela nas dependências de um hospital católico, que também abrigava a modesta casa em que ele morava.

Ainda que ninguém tenha sido oficialmente acusado, uma investigação conduzida pela ONU em 1992 concluiu que o autor intelectual do assassinato foi o político de direita e ex-oficial do exército, Roberto D'Aubuisson.

Reações diversas

Apesar da atmosfera de comemoração e celebração nacional em El Salvador, as divisões que rodeavam Dom Romero em vida estiveram também presentes durante a sua beatificação. O arcebispo emérito de Madri, o Cardeal Antonio María Rouco Varela, disse que “esta é uma beatificação política”, sugerindo que o evento seria manipulado pelas forças esquerdistas hostis à Igreja.

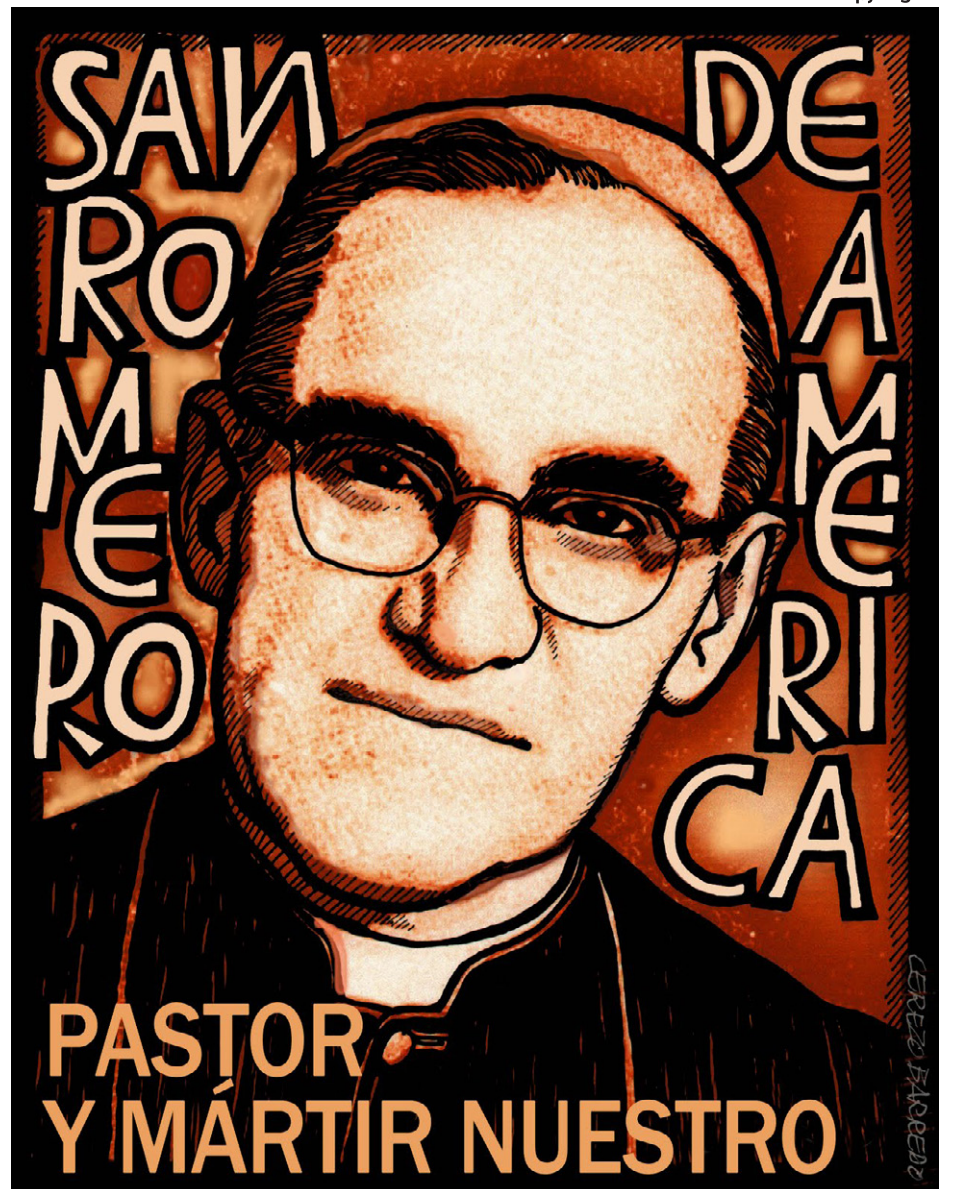
Em Roma, o secretário de Estado do Vaticano, o cardeal italiano Pietro Parolin, tentou minimizar as opiniões contrastantes sobre Dom Romero. Em entrevista Parolin disse que a beatificação desse sábado “foi uma escolha de fé, não ideológica, e que isso é um ponto fundamental no panorama de hoje”.

O arcebispo italiano Vincenzo Paglia, que defendeu a causa de beatificação de Dom Romero no Vaticano, disse antes da missa que a memória de Romero é “reverenciada por todos os salvadorenses”, atraindo aplausos gerais.

Um dos principais jornais salvadorenses devotou um terço completo de sua edição do dia da beatificação, de 92 páginas, para cobrir a celebração, enquanto o governo nacional enfeitou as ruas de San Salvador com cartazes que celebravam o “Santo da América”.

A maioria dos salvadorenses ficou feliz com a beatificação, mesmo aqueles que pertencem às crescentes igrejas evangélicas do país. “Romero foi um exemplo a seguir, que lutou e pregou a palavra de Deus”, disse Jonathan Rivas, que é evangélico. “Ele lutou pelos mais necessitados, pelos pobres, durante um período de guerra”, falou. “Esta beatificação é uma grande celebração para grande parte da população, mas a verdadeira celebração será quando El Salvador estiver em paz, sem gangsters e sem mortes”.

Com o Instituto Unisinos



Arquidiocese de Mariana participa de Campanha em solidariedade ao Nepal

Atendendo à solicitação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a Arquidiocese de Mariana declarou apoio à campanha *Solidariedade ao Nepal – Socorro às famílias vítimas do terremoto*. Para tanto, aprovou a realização de uma coleta que nos dias 30 e 31 de maio em todas as paróquias e comunidades em favor das vítimas dos dois terremotos que deixaram mais de 8.500 mortos, além de

milhares de feridos.

Os recursos arrecadados, de acordo com a CNBB, “serão destinados para ações de urgência (água potável, alimentos, lonas e tendas, atendimento às necessidades especiais das crianças, mulheres e pessoas com deficiência), com apoio posterior na construção de condições de vida daquela população”.

Ajude. Participe!

Divulgação



Colabore com a reconstrução das vidas dos irmãos e irmãs Nepaleses

Banco do Brasil, Ag. 3475-4; C/C 31.936-8

Caixa Econômica Federal, Ag. 1041; C/C 3573-5; Op. 003

Bradesco, Ag. 0606-8; C/C 71000-8

Nulidade matrimonial em questão

Reprodução

Pelo título, o assunto aqui é nulidade matrimonial. Mas é preciso que se diga logo que o anúncio de Cristo (Mt 19,6) e, em seguida, da Igreja, é que o matrimônio é algo muito bom (Gn. 1, 27-31), diante do qual o Pai Criador se maravilhou. Os profetas usaram esta imagem para falar do amor de Deus pelo seu povo (Is. 54). A palavra 'nulidade' poderia passar a impressão pessimista de que esta realidade matrimonial 'não vale nada'. Não é esta a visão de quem está escrevendo estas linhas. São muitos os casais que seguem felizes o seu caminho, fazendo outros felizes e alegrando o Pai Criador (cf. Mc. 10, 2-12 e paralelos). Jesus vai além e faz uma afirmação nova em que a procura pelo Reino de Deus tem a precedência sobre o matrimônio (Mt. 19, 12).

'O que Deus uniu o homem não separa' (Mt 19,6). É nisso que firmemente cremos. Porém, nossa pergunta seria: Quem exatamente Deus uniu, numa união especificamente conjugal? A resposta a esta e outras perguntas supõe um longo caminho de oração, reflexão e experiência da nossa Igreja, obediente ao mandato de Cristo, que, embora tenha proclamado a indissolubilidade do casamento, não respondeu a estas perguntas. A Igreja chegou ao seguinte princípio: **um contrato matrimonial válido, entre pessoas batizadas, é sacramento que, sendo consumado, torna-se intrinsecamente indissolúvel.** Ou seja, esta realidade descrita neste princípio é que é 'o que Deus ajuntou' e que ninguém pode separar. O diálogo sobre este princípio não é simples e exigiria um espaço e um tempo muito maior do que o que nos é dado aqui e agora. Vamos tentar algum início de conversa!

O matrimônio é, sem dúvida, uma bela realidade teológica. É também uma realidade terrena. Enquanto contrato, podemos nos perguntar: quando é que um tal contrato é válido? Dada a singularidade deste contrato, nunca teremos condições de afirmar

com certeza a sua validade. Podemos sim, dentro da fraqueza humana, recolher dados que nos levem a afirmar, com certeza moral, a nulidade deste contrato. Que dados são estes? São as chamadas causas de nulidade matrimonial. Elas são algumas dezenas e giram em torno de três eixos:

1. A pessoa do noivo e/ou da noiva: antes de mais nada é preciso que cada um seja alguém capaz, humanamente falando, de tomar uma decisão na vida – capacidade natural. Isso supõe não só inteligência teórica, mas uma deliberação prática, responsável, livre. É preciso que ambos também tenham a chamada capacidade canônica, ou seja, possuam todos os requisitos que a lei exige da parte deles para se casarem.

2. A presença dos elementos essenciais do casamento, a saber: dever-direito a uma tal comunhão exclusiva, perpétua e íntima dos esposos, por si,

apta à geração e educação de crianças.

3. As formalidades canônicas do matrimônio em que, ao menos, uma das partes é católica: para ser válido, deve ser feito com a presença dos noivos diante de uma testemunha qualificada da Igreja que pede e recebe o consentimento de ambos os contraentes na presença de, ao menos, duas testemunhas.

Tenhamos presente o seguinte princípio: só Deus sabe se um matrimônio é válido ou não. O que a Igreja faz é dar (ou não) uma 'declaração de nulidade', depois de estudar o caso, recolhendo dados (provas). Esta declaração é dada segundo a consciência de quem julga estas provas, com uma certeza que não é matemática e infalível, mas certeza moral.

A palavra 'Tribunal' indica, na Igreja, pessoas (juízes/juízas) encarregadas de estudar e definir estas causas. A Igreja não é conduzida por um livro ou código de leis, mas por pastores. Para julgar causas de nulidade matrimonial, não basta um juiz. O estudo e definição devem ser feitos por um grupo de três juízes. Há outros personagens e alguns requisitos para participar de tal grupo. É também, atualmente, obrigatória a revisão de todo o processo e da sentença deste grupo por um outro grupo, ou seja, outro Tribunal que é devidamente indicado para ser o Tribunal

de apelação (segunda instância) do primeiro (primeira instância). Se as decisões destes dois tribunais não forem conformes, o assunto deve ser resolvido pelo Tribunal do Papa, chamado Rota Romana.

A organização dos tribunais da Igreja no mundo ocidental é disciplinada por uma instrução chamada 'A dignidade do matrimônio'. Estes tribunais devem se inspirar na jurisprudência da Rota Romana a quem anualmente o Papa dirige sua palavra. Com o recente Sínodo dos Bispos em andamento, os Padres Sinodais, na assembleia extraordinária em 2014, expressaram vários desejos e deram sugestões como: gratuidade dos processos, abolição da segunda instância obrigatória, maior autonomia dos bispos em causas de matrimônio evidentemente nulo, etc.

O Papa Francisco instituiu uma comissão para rever e modificar o itinerário processual das causas de nulidade, tornando-as mais simples e rápidas. Esta comissão já apresentou seu relatório, na primeira quinzena de maio deste 2015, ao Pontífice. Vamos nos unir em oração pelo bom êxito da Assembleia Ordinária do Sínodo no próximo mês de outubro.

.....

Mons. Roberto Natali Starlino
Mestre em Direito Canônico
Presidente do Tribunal Eclesiástico da
Arquidiocese de Mariana



Para refletir:

1. Como nos relacionamos com casais de segunda união em nossas comunidades?
2. A Igreja está discutindo o tema com profundidade. Estamos fazendo o mesmo em nossos grupos de reflexão e reuniões pastorais?
3. Como estamos participando do processo de discussão proposto pelo Papa Francisco que motivou a realização do Sínodo? Sabemos bem como o processo ocorrerá?

A FÉ QUE FAZ MILAGRES... A COMPAIXÃO QUE TRANSFORMA

Reprodução

A celebração da Eucaristia ou da Palavra é um momento privilegiado para todos nós e para a comunidade. É praticamente o único contato da maioria dos católicos com a comunidade eclesial. Por isso, precisa ser muito bem preparada e celebrada. A equipe de liturgia precisa estar sempre atenta e empenhada para dar o melhor. A preparação deve ser feita com antecedência e com calma.

É fundamental que haja alguém para acolher o povo na porta da igreja. Um sorriso, um aperto de mão, um abraço, isso faz a diferença. Como é bom ser bem acolhido e valorizado!”

Um bom animador ou animadora dá qualidade à celebração. Dá as boas-vindas, apresenta o sentido litúrgico da celebração, motiva a assembleia a participar mais, rezar e cantar com entusiasmo, ouvir atentamente a Palavra de Deus, sair da Igreja levando alegria e compromisso. Deve ser discreto(a), falar pouco, mas animar. Não fica no ambão, porque ali é a mesa da Palavra de Deus.

A equipe deve se esforçar para tornar a celebração orante e dinâmica. Para isso, conta com a riqueza dos símbolos e gestos.

Durante o mês de julho, por exemplo, pode trabalhar bem o ato penitencial no primeiro domingo, dia 5. A liturgia fala de um povo que é cabeça dura e coração de pedra. Um povo que não acredita e tem dificuldade para se converter. Motivar a assembleia para o reconhecimento do próprio pecado, a necessidade de ouvir com mais atenção a Palavra, confiar na graça de Deus. Pode usar a imagem do espinho.



Como no dia 3 celebramos São Tomé, podem sugerir à assembleia que, ao comungar, quando o ministro apresentar a hóstia consagrada, em vez de responder ‘amém’, a pessoa diga: “meu Senhor e meu Deus!”

No dia 12, recordar os nomes de profetas do povo, gente simples que se dedica à missão e a exercem com coragem. Refletir: quais são os demônios que precisamos expulsar do nosso meio? Que feridas precisamos curar? O que seria hoje óleo que conforta e cura? Usar o óleo como símbolo. Proclamar de forma solene a segunda leitura. Convidar a assembleia a fazer da celebração um momento forte de intimidade

com Deus. “Estar com” Jesus e em Jesus. Procurar ver se a igreja ou paróquia expressam simplicidade ou têm algo de luxo ou ostentação.

No terceiro domingo, valorizar as pastorais e grupos de trabalho da comunidade. Todas pessoas que tornam a Igreja mais pastora e cuidadora. Preparar uma oração especial pelos pastores e agentes.

Rezar a Oração Eucarística VI D. Pedir ao presidente que dê ênfase ao Prefácio: “Ele sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores...”; e à parte que diz: “Dai-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações

para confortar os desanimados e oprimidos...”

No dia 26, trabalhar de forma especial o símbolo do pão e promover algum gesto concreto de partilha. Mostrar que, se há fome de alimento, de amor, de justiça, de carinho, não é porque Deus fez o mundo de maneira errada, mas por não sabermos partilhar melhor. Sempre que falta para alguém é porque sobra para outro.

Ficar atentos para celebrar a vida dos motoristas e dos trabalhadores(as) rurais, lembrados no dia 25, bem como dos avós e avós, celebrados no dia 26. Valorizar a presença, promover uma bênção especial e alguma homenagem.

ASSINE O JORNAL
PASTORAL

Entre em contato conosco
pelo telefone (31) 3557-3167
ou mande um email
para assinaturaspastoral@gmail.com

arquidiocese de
mariana

VAMOS CELEBRAR MELHOR?

14º Domingo do Tempo Comum (5/7); **Leituras:** Ez 2,2-5 / Sl 122 / 2Cor 12,7-10 / Mc 6,1-6.

O povo fica admirado com a sabedoria de Jesus, mas não o valoriza por ser de família simples. Os milagres não acontecem por causa da falta de fé. Toda ação de Deus tem mão dupla. Depende da sua graça e seu poder, mas também da fé e da abertura de coração. Jesus deixa claro que não se chega à fé por meio dos milagres, mas é possível se conseguir milagres por meio da fé.

Ezequiel nos lembra que, muitas vezes, somos um povo de cabeça dura e coração de pedra. Temos dificuldade para ouvir, mudar, converter o coração. É a nossa limitação. Trazemos em nós um “espinho na carne”. Algo que nos incomoda. Mas a força de Deus supera a nossa fraqueza: “Basta-te a minha graça”.

15º Domingo do Tempo Comum (12/7); **Leituras:** Am 7,12-15 / Sl 84 /

Ef 1,3-10 / Mc 6,7-13.

Jesus envia seus discípulos, dois a dois, para a missão. Porém, antes de ir, os discípulos são chamados a “estar com Ele”, entrar na sua intimidade, beber da sua fonte. Só assim poderão exercer com eficácia o seu apostolado.

Dá-lhes poder sobre o mal. Pede desapego, desprendimento, simplicidade. O papa Francisco tem insistido muito nessa sobriedade de todos(as) aqueles(as) que agem em nome de Cristo e da Igreja. São canais e instrumento de Deus que cura e liberta do mal.

Amós é um símbolo da pessoa simples, sem pretensões, que leva a sério sua missão.

Jesus nos ensina a sacudir o pó dos pés. É um gesto de protesto pelo descaído com a Palavra de Deus e sua proposta, mas pode ser também o propósito de não carregar mágoas e ressentimentos. O que não presta deve ficar. Não compensa ficar carregando esse peso.

Reprodução



16º Domingo do Tempo Comum (19/7); **Leituras:** Jr 23,1-6 / Sl 22 / Ef 2,13-18 / Mc 6,30-34.

Os pastores e agentes precisam cuidar de si para cumprir bem sua missão. Descansar, cuidar da saúde, se preparar, tudo isso é importante. Mas jamais poderão ser insensíveis à dor e às necessidades dos outros. A compaixão deve ser a marca registrada de todos. Ai dos pastores que não cuidam do rebanho! Cuidam mais de si mesmos que do rebanho a eles confiado. Mas a compaixão não se dá no sentimentalismo, não consiste apenas em ter dó, mas em agir para transformar e promover a vida.

Felizes aqueles e aquelas que confiam plenamente no Pastor Bom. “Se ele é meu pastor não sinto falta de mais nada”. E, mais felizes ainda, aqueles(as) que procuram ser sinais do Bom Pastor.

17º Domingo do Tempo Comum (26/7); **Leituras:** 2Rs 4,42-44 / Sl 144 / Ef 4,1-6 / Jo 6,1-15.

O evangelho de hoje rompe a sequência dos textos de Marcos, evangelista do Ano B, para dar início ao grande discurso do “Pão da Vida”, narrado por João. É bom lembrar que João praticamente não fala de milagres, mas de ‘sinais’. São gestos profundamente simbólicos. Uma verdadeira catequese.

No texto de hoje, alguns detalhes chamam a atenção: “o outro lado” é um convite à travessia, a ver as coisas de forma diferente, à mudança. O tempo é de Páscoa, passagem. Os sinais que Jesus realiza e o cuidado com os sofredores atraem multidões. O “monte” é lugar do encontro mais profundo com Deus. “Sentar-se” para falar é próprio dos Mestres, de quem tem autoridade.

O povo tem fome. Fome de tudo. Jesus sente isso e tem compaixão. Provoca os discípulos para que tomem alguma iniciativa. Os recursos são poucos. Um ‘menino’ é a salvação. Desde sua encarnação Jesus mostra que a salvação vem dos pequenos. “Sentar para comer” é próprio de gente livre. Os escravos comiam de pé. O Evangelho, em lugar algum, diz que Jesus ‘multiplicou’ os pães. Diz apenas que recolheu o que tinham, deu graças a Deus, o verdadeiro dono de tudo (não agradeceu aos que deram), e distribuiu a todos de acordo com a necessidade. O milagre não consiste em esperar do céu ou multiplicar, mas em partilhar, evitando-se qualquer atitude de egoísmo, ambição e acúmulo.

Pe. José Antônio de Oliveira
Cristiano Otoni e Queluzito / MG

Primeira sexta feira... Mês de junho... Não importa a data, o momento ou a ocasião... Quantas vezes cantamos “Coração santo, tu reinarás, Tu nosso encanto, sempre serás...” Conhecer e refletir a espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus ultrapassa toda a inteligência humana. Santo Inácio escreve que esse conhecimento não consiste no “muito saber”, mas no “saborear internamente”. Saborear internamente é degustar pelo dom da sabedoria que vem do Espírito Santo. É deixar-se ser acolhido pela graça divina. Mergulhar no íntimo da espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus significa imergir no mistério do Amor de Deus para conhecer “a altura e a profundidade, o comprimento e a largura” do amor de Jesus Cristo. É gesto de fé. É busca profunda e incessante para criar intimidade com o Salvador.

Os seus gestos também são reveladores de seu coração: Ele abençoou e abraçou

crianças, viveu pobre e no meio dos pobres, estendeu a mão e acalmou o mar, tocou em leprosos e os curou, estendeu a mão a Pedro, veio para fazer a vontade do Pai, veio para que todos tenham vida, não condenou, é portador da paz e intercede ao Pai para que perdoe a cada um de nós. Como Mestre e Senhor Ele diz “Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração”.

Para esse aprendizado as vagas são ilimitadas, todo aquele que desejar poderá se inscrever: ricos, pobres e pecadores. Dessa forma conheceremos o amor apaixonado de Deus por nós, e nos apaixonaremos por Ele. Escreve o nosso Papa emérito Bento XVI: “A contemplação do Coração de Jesus Transpassado é imprescindível a todo Cristão”. A oração contemplativa nos leva a conhecer os infinitos tesouros contidos em palavras, atos, gestos, formas de ser de Jesus Cristo.

Os apóstolos conheceram o Coração de Jesus pela convivência com Ele, escutando e vendo como discípulos, e seguiram seu modo de viver. Maria Santíssima escutava todas essas coisas e as contemplava em seu coração. Alguns estudiosos indicam cinco elementos essenciais da espiritualidade do coração de Jesus: contemplação, imitação, evangelização, reparação, consagra-

ção. A ferida aberta é o dado bíblico primordial no Culto ao Sagrado Coração de Jesus: “contemplarão aquele que transpassam!” (Jo 19,37). Foi essa ferida que Cristo ressuscitado apontou para os discípulos (“Vejam!”) e para Tomé (“toque”) e continua apontando para todos nós, como marca registrada de sua ressurreição e de sua presença entre nós.

Uma das formas mais importantes da contemplação é a adoração Eucarística. No sacramento da Eucaristia, Jesus continua vivo no meio de nós. A cruz nos lembra outro elemento fundamental de uma autêntica espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus: a imitação. Jesus aponta sua cruz e nos diz: “Quem quer ser meu discípulo, tome a sua cruz, e me siga, quem perde sua vida por causa de mim, vai encontrá-la”. O fogo representa outro aspecto fundamental da autêntica espiritualidade do Sagrado Coração de Cristo: o ardor missionário pela evangelização. O Sagrado Coração de Jesus nos dá o fogo de seu Espírito, para sermos suas testemunhas em todos os lugares: “Vão, e anunciem o evangelho para serem as minhas testemunhas!” (Mc 16,15; At 1,8).

O quarto elemento de uma autêntica espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus é a reparação. O verdadeiro

devoto do Sagrado Coração de Jesus repara, com seu amor e com toda sua vida, o desamor com que Jesus Cristo, a mensagem de seu Evangelho e o seu Reino continuam sendo rejeitados pela humanidade. As gotinhas simbólicas de água e sangue representam outro aspecto fundamental da espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus: a consagração. “Consagrada” é uma pessoa que pertence a Deus e ao povo de Deus. É na água do batismo, pelo dom do Espírito Santo, que nós somos consagrados para Deus e para a Igreja, em Jesus Cristo.

É na Eucaristia que nós renovamos, constantemente, nossa consagração a Jesus Cristo. “Quem come da minha carne e bebe do meu sangue vive em mim e eu vivo nele!” (Jo 6,56). Para tornar ainda mais fácil a assimilação dessa devoção, o Salvador divino ofereceu também um modelo: santa Margarida Maria Alacoque, a “discípula bem-amada de meu Sagrado Coração” — como a chamou Jesus. Que através de seu testemunho busquemos colocar em nossa vida a certeza desse amor e construir o projeto de Deus. Amém!

Vera Maria Moraes Fontes
Paróquia N. Sra da Assunção
Barbacena/MG

Lamim festeja o Divino Espírito Santo

Fotos: Valéria Medeiros

A Festa do Divino Espírito Santo, na cidade de Lamim, localizada na Região Pastoral Mariana Centro, é uma das mais antigas e tradicionais de Minas Gerais. Desde 1710, reúne tradição, cultura e fé. Congado, bandas de música, corte imperial e mais de 100 figurantes, alimentação para os visitantes no dia da festa, barraquinhas, celebrações, vigílias, agradecimento e pedidos de graças, entretenimento na praça e muitas outras atrações. A festa é também um momento de encontro de devotos, visitantes e familiares de laminenses ausentes que aproveitam a oportunidade para reencontrar com suas raízes.

A festa do Divino possui um Imperador. Em Lamim não é diferente. Este ano, o imperador e festeiro sorteado foi o comerciante Paulo Roberto Sousa Reis, que cumpriu uma tradição de família. “Na minha família alguém sempre se apresenta para o sorteio do imperador do Divino. Meu avô já foi e meu pai também. Especificamente neste ano, meu pai, que está um pouco idoso, pediu pra que um dos filhos participasse do sorteio para assumir os festejos. E o escolhido fui eu”, explica Paulo Roberto, que além de toda a organização, tratou logo de trabalhar na criação de um hino para a festa. “Criamos um hino de louvor ao Divino Espírito Santo. Fizemos então duas mil cópias em cd e distribuimos para as famílias, como um presente do Imperador. Dediquei um ano inteiro da minha vida à festa e graças a Deus deu tudo certo. Houve uma mobilização geral e com o auxílio primordial do padre Adelson (pároco em Lamim), fizemos uma festa linda. Pra se ter ideia, no almoço de domingo servimos mais de 1500 visitantes”. A festa contou com a participação de moradores de cidades de toda a região, num total de mais de 5000 pessoas.

A festa e o feijão

Uma outra curiosidade faz da festa do Divino Espírito Santo, em Lamim, uma data especial. Foi exatamente na festa que surgiu a lenda popular mais famosa da cidade. Segundo ela, o festeiro era sorteado e fazia toda a festa por sua conta. Costume que ainda se mantém nos dias atuais. Certa vez, a sorte caiu em um agricultor muito humilde. Para não fugir à tradição, ele resolveu fazer uma plantação de feijão destinada a cobrir as despesas da festa. Ao visitar a lavoura, foi grande a surpresa quando notou que todas as folhas espelhavam a imagem do Divino Espírito Santo. A colheita foi grande, e lhe rendeu dinheiro suficiente para fazer uma bela festa ao padroeiro.

E a história do feijão de Lamim reverbera por todos os cantos, por sua peculiaridade. Em entrevista ao site da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMATER), o professor e morador da cidade José Geraldo Reis e Silva disse que a história do feijão é contada nas escolas, em pesquisa sobre folclore local e pelas ruas do município. Todos conhecem o “feijão milagroso”.

“Resolvi pesquisar se o feijão era coisa só nossa. Preparei alguns grãos e mandei para um programa de TV. Eles se interessaram e enviaram para a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) em Goiás, especializada em feijão. O técnico veio aqui, pesquisou e viu que feijão, esse com a pomba, só existia aqui. A Embrapa achou o fato incomum”, contou o professor, que tem apelido de Lamim.

Para 2016, a festa já tem um novo imperador. Será o senhor Expedito dos Reis Chagas, que foi escolhido entre 16 nomes apresentados para o sorteio promovido no final dos festejos deste ano.

